

Existem alternativas para a produção intensiva?

Prof. Dr. John Hodges
hodges.chalet@gmail.com

Traduzido pela médica veterinária
Dra Paula Tavoraro
ptavolaro@yahoo.com



BIOGRAFIA

John Hodges é um Especialista em Genética Animal. Trabalhou com agribusiness, lecionou na Universidade de Cambridge e foi professor de Genética Animal na Universidade de Columbia Britânica, no Canadá. Mais tarde, junto com a FAO (Food and Agriculture Organization) da Organização das Nações Unidas, dirigiu o melhoramento genético de rebanhos e iniciou o programa da ONU para a conservação de raças ameaçadas de extinção. Também fez parte do esboço da Convenção da Biodiversidade. Tem diplomas em Agricultura, Produção e Genética Animal e é formado em Administração pela Harvard Business School. Hoje mora na Áustria e escreve internacionalmente sobre Genética e Ética para a Agricultura, Produção de Alimentos e Meio Ambiente.

A população mundial vai continuar crescendo nos próximos 40 anos, atingindo 9 bilhões de habitantes. A maioria destas pessoas vive em áreas pobres de países em desenvolvimento. Qualquer pessoa que pense um pouco pode se perguntar “será que teremos comida o suficiente?”. Algumas pessoas consideram que o mundo vai precisar de 50% mais alimentos para este número extra de pessoas e para o aumento na demanda de produtos de origem animal causado pela melhora do padrão de vida no mundo inteiro. Mas este pensamento considera que bilhões de pessoas vão se alimentar no mesmo nível excessivo do mundo ocidental de hoje, uma ideia improvável e pouco saudável.

A resposta mais comum para o aumento da produção de leite, carne e ovos é uma intensificação ainda maior da produção animal, além do estabelecimento de unidades de produção intensiva em países em desenvolvimento. O sistema de produção intensiva desenvolvido no mundo ocidental ao longo dos últimos 50 anos foi notoriamente bem-sucedido no aumento da quantidade e redução dos preços do leite, carne e ovos. Este sistema é baseado na criação de grandes unidades produtivas dependentes de altos investimentos em capital, combustível, produtos químicos e recursos tecnológicos. Mas as consequências econômicas, sociais e ambientais negativas se multiplicaram, assim como os efeitos sobre a saúde os animais, aves e seres humanos e sobre o clima. Sabemos que este sistema intensivo é insustentável.

Uma vez que a cadeia de produção de alimentos é cada vez mais globalizada, a produção intensiva de alimentos é uma ameaça para bilhões de pequenos produtores do mundo todo que não podem pagar os custos desta intensificação.

Eu chamo este sistema de Plano A. São necessárias mudanças no Plano A – não para substituir este sistema regido pelo mercado - mas para modificá-lo de forma a proteger os componentes mais amplos de qualidade de vida aos quais o mercado não dá valor nenhum no processo de tomada de decisão. O barateamento do leite, carne e ovos não é suficiente para a qualidade da vida dos homens. Jesus Cristo disse isto claramente dois mil anos atrás, “nem só de pão vive o homem”.



Transporte de frangos em desrespeito ao bem estar animal

Métodos alternativos de produção de alimentos

Desta forma, estamos sendo pressionados a encontrar alternativas para alimentar o mundo. As empresas multinacionais que fornecem os insumos para a produção intensiva e comercializam o leite, carne e ovos criticam abertamente os métodos alternativos. Eles desprezam a ideia de que o mundo possa ser alimentado de alguma outra forma. Estas empresas estão agora se preparando para adicionar animais geneticamente modificados (GM) ao pacote da criação intensiva. O uso de animais GM na alimentação humana é uma solução perigosa, ainda não comprovada e à qual devemos resistir. As visões defendidas por estes grupos protegem os interesses individuais destas empresas, porque elas não querem perder o mercado de insumos à produção intensiva. A adição de animais GM e as patentes associadas a eles irão fortalecer o estado de quase monopólio destas empresas. As redes multinacionais de supermercados também têm interesses no modelo intensivo, pois elas vêem a explosão populacional apenas como uma ampliação do mercado consumidor.

Existem alternativas realistas ao Plano A? Esta é uma questão vital porque as consequências negativas da maior intensificação levam à negação da vida e à degradação das condições dos homens e animais, do ambiente e do clima. Métodos alternativos envolvem a produção em menor escala. O amor que alguns têm pela produção

em larga escala os leva a desprezar a pequena escala. Entretanto, a maioria das criações de animais ao redor do mundo é feita em pequenas propriedades e com rebanhos de poucos animais.

O impressionante relatório patrocinado pela ONU e Banco Mundial é um argumento poderoso em favor de novas formas de se aumentar a segurança alimentar mundial (International Assessment of Agricultural Science and Technology for Development, IAASTD, 2008). Este relatório está disponível na Internet. Quatrocentos cientistas agrícolas do mundo todo examinaram os resultados das melhorias agrícolas em países em desenvolvimento publicados em periódicos mundialmente respeitados ao longo de um período de quatro anos. Eles observaram que, em geral, a transferência dos métodos ocidentais de criação intensiva não levou ao empowerment dos pequenos produtores. Este estudo também demonstrou que as colheitas GM, em média, não têm uma produção mais alta por hectare: sua popularidade é devida à redução nos custos de pulverização. O relatório mostra que a produção e segurança mundial de alimentos podem ser substancialmente aumentadas pelo auxílio aos pequenos produtores e criadores de forma a melhorar seus métodos tradicionais por meio de recursos disponíveis localmente. Eles consideram que planos de pesquisa e desenvolvimento para estes pequenos produtores são urgentes a fim de levar sua produção a patamares mais altos e ao seu empowerment para que, com a melhora da sua produção, também melhore a qualidade de vida das comunidades rurais pobres e a disponibilidade de alimentos para venda local. Os detalhes apresentados neste Relatório da IAASTD são um meio muito realista de se modificar o Plano A. Interessantemente, estas propostas também se aplicam a países desenvolvidos onde ocorre um aumento da demanda dos consumidores por alimentos orgânicos e produzidos localmente. Estes produtos são, é claro, um pouco mais caros do que aqueles produzidos em larga escala em sistemas intensivos.

A demanda do consumidor

Agora devemos nos fazer uma outra pergunta. Será que os consumidores estão prontos para pagar mais pelo leite, carne e ovos produzidos de maneira sustentável? Se é verdade que a produção intensiva não pode solucionar o problema da alimentação mundial sem enormes consequências negativas, então só existe uma resposta séria para esta pergunta, que também se aplica às mudanças climáticas: será que as pessoas querem reduzir e modificar o seu modo de consumo para evitar o aquecimento global? A sustentabilidade sempre vai custar mais do que

a não-sustentabilidade, mas vale a pena. Podemos parecer mais pobres em alguns itens não essenciais, mas no final do dia, ainda vamos estar por aqui.



Feed lot nos Estados Unidos da América do Norte

A caminho do desastre

Alguns cétricos duvidam de que estamos caminhando para o desastre. Eles argumentam que o sistema intensivo pode ser expandido indefinidamente para produzir quantidades de alimento cada vez maiores ou mesmo a preços cada vez mais baixos. Mas grandes líderes mundiais de todas as áreas nos dizem constantemente – não há escolha – estamos em rota de colisão com a realidade.

Não quero negar os perigos e já escrevi mais detalhadamente sobre isto (World Poultry Science Journal, Vol 65, março de 2009, páginas 5-21). Neste artigo, meu objetivo é estimular a discussão, abrir nossas mentes, ampliar nossa visão, alongar nossa escala de tempo, fortalecer fundamentos essenciais - a assim nos levar a pensar além do nosso paradigma habitual de contentamento. Nosso suprimento mundial de alimentos está em uma situação perigosa de instabilidade e risco. Eu cito Paul Vockler, ex-presidente do conselho da Reserva Federal dos Estados Unidos, ao comentar sobre a tragédia da crise financeira. Ele argumentou que a inação em relação aos desequilíbrios e riscos crescentes levou a circunstâncias perigosas e insolúveis que, por sua vez, levaram ao colapso. Ele mostrou que, antes da crise, havia pouca vontade de se fazer alguma coisa sobre os problemas. Os lucros eram bons e os líderes eram mantidos em uma situação de falsa segurança pela doutrina de serem "muito grandes para cair". Na minha visão, a cadeia de produção de alimentos está chegando a uma situação semelhante, com as indústrias de produtos de origem animal abrindo o caminho. O mundo pode, em um período longo de tempo, conseguir se recuperar do colapso bancário, financeiro e imobiliário. Mas quando a cadeia de produção

de alimentos entrar em colapso, não vai haver tempo para recuperação. Precisamos de alimentos todos os dias.

Para se entender a natureza profunda da crise, vou examinar três suposições que são os principais motores do Plano A. Podemos considerar que estas suposições são ideologias. As ideologias são sempre simplistas, intolerantes às complexidades da vida, estreitas em sua visão de mundo e não levam em consideração que existam múltiplas consequências. Como resultado, as ideologias são injustas, beneficiam excessivamente uma minoria e causam sofrimento a muitos.

Falsas suposições do Plano A

1. Os alimentos baratos são um direito dos consumidores. Este é, portanto, o maior objetivo da cadeia de produção de alimentos.
2. O lucro é um objetivo primordial dos negócios e as decisões devem ser tomadas de forma a maximizá-los.
3. O foco principal dos cientistas e administradores deve ser a eficiência biológica e econômica.

Alimentos baratos. No mundo ocidental, a proporção de renda disponível usada para a alimentação diminuiu para 10% a partir de um nível histórico de 90%, nível que ainda permanece como realidade nas comunidades mais pobres do globo. No mundo ocidental, geralmente aceitamos que haja aumento nos preços de outros produtos e serviços básicos como o combustível, eletricidade, água, esgoto, cuidados à saúde, educação e transporte. Por que o preço dos alimentos é tão sagrado? Provavelmente porque é o modo pelo qual algumas poucas redes de supermercado que dominam a venda de alimentos competem por sua fatia de mercado. Ao mesmo tempo, nossa sociedade ocidental está se tornando obesa e geralmente gasta mais do que os 10% da sua conta de supermercado em restaurantes, fast food e refeições preparadas em instituições como o trabalho, escolas e hospitais. A existência de pessoas pobres na sociedade ocidental não é uma justificativa para o barateamento crescente dos alimentos. Há modos alternativos de se atender às necessidades da população mais carente. Em comparação, os vários bilhões de pessoas na zona rural de países em desenvolvimento são negligenciadas e exploradas pelo Plano A. Estas pessoas precisam de empowerment para aumentar sua própria produção de alimentos usando recursos locais e métodos tradicionais, e necessitam um melhor acesso aos mercados domésticos por meio de organizações de produtores. Ao longo do tempo, este empowerment da população rural pobre vai aumentar a renda familiar disponível e reduzir a proporção de renda gasta em alimentação. Esta

é a forma pela qual a sociedade ocidental lentamente melhorou sua qualidade de vida.

Infelizmente, o Plano A faz exatamente o oposto. Para a sociedade rural pobre, o Plano A oferece métodos intensivos e em larga escala com necessidade de grandes investimentos em capital, combustível produtos químicos e conhecimento técnico que estão muito além do que recursos econômicos destas pessoas. Ao mesmo tempo, o Plano A faz com que os mercados urbanos domésticos sejam dominados pelo chamado alimento barato produzido no mundo ocidental ou em plantações locais usando capital estrangeiro ou mão-de-obra local barata, enquanto que o lucro é exportado. O Plano A não leva ao empowerment dos pequenos produtores.

Lucro. A premissa básica das operações comerciais é a maximização dos lucros. Este não foi sempre o caso na agricultura e na indústria de produção de alimentos. Por exemplo, tradicionalmente, os produtores não apenas lucravam, mas boas práticas de criação preservavam os recursos naturais. A agropecuária sustentável resiste à tentação de explorar a natureza. Hoje, o impulso principal de maximizar os lucros vem das grandes multinacionais que atualmente dominam a cadeia de produção de alimentos em todos os segmentos, da produção de insumos agrícolas à distribuição aos supermercados. A busca incessante de lucros imediatos e a curto prazo força os produtores a abandonarem a produção ou a adotarem práticas insustentáveis que acabam com os recursos naturais e, portanto, diminuem o potencial futuro da agropecuária. Como a maioria das grandes companhias hoje, estas multinacionais seguiram o conselho dado por Margaret Thatcher em 1988: “não existe uma comunidade, o que existe é o mercado”. Elas também são discípulas de Milton Friedman, o influente economista da Universidade de Chicago, que dizia que a única tarefa dos executivos era maximizar os lucros dos acionistas. Esta, ele considerava, era a única ética para a qual estes profissionais foram treinados e pela qual eram responsáveis.

Estes dois modernos estudiosos da vida escolheram substituir o conselho que Jesus forneceu para a fundação moral da sociedade ocidental há mais de 1.000 anos atrás, de que “devemos tratar os outros como queremos

ser tratados” – uma postura comprovada para a construção de comunidades sustentáveis. A suposição de que “o lucro vem primeiro” pode ser viável nos setores de serviços e produção onde o colapso pode ser difícil, mas não fatal. A cadeia de produção de alimentos tem características únicas e peculiares. Alguns acreditam que mesmo os negócios que envolvem agricultura e produção de alimentos devem ter como foco o lucro – a ponto da brutalidade. Isso leva ao esgotamento dos produtores capazes e de suas famílias ao redor do mundo, o que é acompanhado de grande sofrimento humano. A brutalidade sempre acompanhou o capitalismo industrial, desde o seu início. Mas no século XIX, os valores civilizados foram gradualmente sendo estabelecidos e as boas práticas comerciais eram mais abrangentes e tinham o seu papel na construção da comunidade. Infelizmente, para aqueles com o capital, a agricultura e a cadeia de produção de alimentos são consideradas primariamente como um modo de se fazer mais dinheiro. Um plano sustentável para alimentar o mundo a longo prazo não é parte do Plano A, que nunca se pergunta “quanto lucro é suficiente?”

Ciência. O aumento da eficiência biológica e econômica são os objetivos dominantes dos principais cientistas e administradores da cadeia de produção de alimentos. Estes objetivos atraem enormes financiamentos públicos e



Granja de postura intensiva

privados que vêm principalmente de negócios em larga escala, com o objetivo de se fazer o sistema de produção intensiva e o fornecimento de alimentos baratos ainda mais eficiente e lucrativo. Como resultado, comparado com a eficiência de 50 anos atrás, o sistema do Plano A atingiu níveis extraordinários de eficiência, especialmente

nos setores de criação de gado de leite, suínos e aves. Mas novas pesquisas não são baratas e o retorno em eficiência e lucros é cada vez menor. Considerado de maneira abstrata, o conceito de maior eficiência no uso dos recursos tem um apelo forte e até idealístico. Entretanto, o impacto negativo da devoção à eficiência surge quando estas mudanças inovadoras são usadas para intensificar o sistema da cadeia de produção de alimentos. Geralmente, os produtores acreditam que seus contratos com compradores de carne e ovos em larga escala estão condicionados à adoção e ao uso destas novas técnicas. Assim, os pequenos produtores são forçados para fora do sistema por meio da falta de capital para pagar pela tecnologia mais avançada, os riscos à saúde animal e humana são intensificados, a qualidade dos alimentos é sacrificada em favor da quantidade e velocidade de produção, o descarte de lixo se torna um problema insolúvel se não se aumentarem os custos para a comunidade, e os custos de transporte se adicionam ao fardo da mudança climática. Considerado isoladamente, a busca por eficiência econômica e biológica como um pequeno componente da produção de carne e ovos pode parecer louvável. Mas a sua aplicação no Plano A intensifica ainda mais a não-sustentabilidade do sistema inteiro. Na sociedade ocidental, os custos de pesquisa, desenvolvimento e implantação destes novos conhecimentos devem ser cuidadosamente medidos com relação aos custos indiretos à sociedade, e seus benefícios cada vez menores em termos de preço em uma sociedade que já tem um excedente de alimentos. Para o bem dos pequenos produtores do mundo em desenvolvimento, o financiamento público e mesmo privado da pesquisa poderia ser mais bem usado ao se tentar melhorar os métodos locais e estabelecidos de produção de alimentos.

As expectativas do consumidor devem mudar

Mais do que nunca, o mundo agora é uma aldeia. Os enormes perigos que nos ameaçam hoje - a mudança climática, a poluição, a guerra biológica, química, nuclear e o terrorismo - mostram que os ricos e os pobres têm que nadar ou se afogar juntos. De modo similar, a segurança alimentar é ameaçada à medida que a cadeia de produção de alimentos se torna mais dependente da comercialização global de produtos de origem animal feita por empresas de produção intensiva e em larga escala localizadas em países onde os custos são os menores possíveis. Uma catástrofe vai desestabilizar este sistema global e deixar a população rica das áreas urbanas com menos alimentos do que a população pobre das áreas rurais, pois estes sempre vão ter acesso a terras cultiváveis.

Os consumidores ocidentais em países ricos, que hoje comem mais per capita do que qualquer outra população na nossa história, deveriam considerar mudanças em sua dieta. Por exemplo, o mercado ocidental demanda gado engordado com milho enquanto que os ruminantes são mais bem adaptados – ou mesmo desenhados, de acordo com a origem bíblica – a se alimentarem de folhas verdes, sendo os grãos, sementes e outros frutos mais adequados para o consumo humano. Ao retirarmos a maior parte dos grãos oferecidos ao gado, liberamos o suficiente para alimentar 1,3 bilhões de pessoas. A carne poderia vir de animais criados e engordados a pasto, e em áreas que não sejam cultiváveis. Esta situação pede que os consumidores mudem seu modo de consumo por razões éticas.

Conclusões

É muito difícil para aqueles nascidos, treinados e empregados na sociedade ocidental, com seus valores reducionistas e visão de mundo orientada pelo mercado, compreenderem que o Plano A para a criação de animais já serviu aos objetivos para o qual foi criado, e se tornou obsoleto. Uma minoria cada vez mais influente da sociedade ocidental está clamando pela abolição da produção intensiva de animais. Não responder a este clamor de maneira racional vai levar a crises e redução na demanda deste tipo de produto. O Plano A deve ser modificado para servir tanto a esta nova situação quanto à condição cada vez pior de bilhões de pessoas nas áreas rurais da África, Ásia e América Latina.

Na minha visão, os líderes de negócios no mundo ocidental, com seus interesses no Plano A para a agricultura e produção de alimentos não vão, em geral, responder a estes apelos para a modificação do sistema e introdução de práticas mais éticas, justas e equilibradas. O problema reside em questões estruturais profundas que poderiam ser respondidas por mudanças na demanda dos consumidores. Entretanto, esta perspectiva parece improvável.

A legislação é o único modo de se modificar o Plano A nos seus padrões de produção, comercialização, marketing e consumo. Esta é a situação que as entidades financeiras e bancárias enfrentam hoje. Leis que levem em consideração os valores éticos e sociais além dos valores econômicos são provavelmente o único modo de se colocar o Plano A em um modo de funcionamento sustentável. Leis socioeconômicas para a agricultura e a cadeia de produção de alimentos são necessárias em âmbito nacional e internacional, com a OMC. Na raiz de tudo isto está o não reconhecimento de que a agricultura e os alimentos são mais do que um sistema para se fazer dinheiro. Eles são essenciais para a vida e o sustento da sociedade civilizada.